

## **ARTE, ESTÉTICA E IMAGINÁRIO**

### **LIMA DE FREITAS: O SIMBÓLICO DA OBRA PÚBLICA – CONTRIBUTOS PARA UMA ESTÉTICA EDUCACIONAL**

A apresentação feita no dia 22 de maio de 2018, na Cooperativa Árvore, inserida no 2º ciclo de conferências do projeto “Terças-feiras com Arte: O Lado oculto da Investigação” permitiu (re)olhar e sistematizar o trabalho desenvolvido antes, durante e depois do doutoramento. A proposta temática, olhando o lado oculto da investigação, permitiu fazer um enquadramento sobre o processo académico realizado, bem como o momento e a maneira com que se formulou a hipótese desta investigação. O estudo sobre Lima de Freitas (1927-1998) segue os trabalhos iniciados na pós-graduação e conseqüente no mestrado em Educação, na especialidade de Filosofia do Imaginário Educacional, da Universidade do Minho, no qual surgiu a dissertação intitulada “Um olhar mítico e simbólico na obra de Lima de Freitas – contributos para uma Filosofia do Imaginário Educacional” (2007). Consciente da dimensão teórica e da profundidade artística que alberga a obra deste autor, dando continuidade aos estudos iniciados em 2002, houve um olhar atento sobre a existência da Obra Pública (32 peças) que estaria ainda por estudar. Assim, reconheceu-se o conteúdo e linguagem relevantes (originalidade), a existência de interesse para os estudos da Filosofia da Educação, nomeadamente da Filosofia do Imaginário Educacional e, igualmente relevante, o valor histórico e cultural com impacto nacional e internacional. No seguimento, foi formulada a primeira hipótese: A Obra Pública de Lima de Freitas é veiculadora de uma estética educacional? Se sim, qual? No seguimento, avançou-se com a candidatura à bolsa de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (2008), tendo obtido o referido financiamento (2009-2013).

O trabalho de levantamento da informação/dados foi estruturado em duas fases, a primeira de carácter mais teórico e a segunda de âmbito mais prático. Por outras palavras, primeiro fez-se uma consulta bibliográfica do e sobre o autor, de maneira a identificar a existência das obras públicas e sua localização; a segunda teve um carácter mais vinculativo, onde foi possível contactar pessoas, instituições e locais, de maneira a confrontar a informação disponível com a realidade efetiva.

É sobre este confronto, entre as ideias pré-pesquisadas e a realidade, que assenta esta apresentação, mostrando as dúvidas, incertezas, contradições e momentos muito curiosos que fazem parte de uma reflexão maior. Esta dialoga com toda a hermenêutica realizada à Obra Pública de Lima de Freitas, sob um olhar

mítico e simbólico, à luz das obras teóricas de Gilbert Durand; Carl Jung; Gaston Bachelard; Mircea Eliade e Almada Negreiros, entre outros.

Assim, se elenca a lista de obras estudadas e que foram particularmente apresentadas neste encontro:

– A maquete em cartão do painel de azulejo, intitulado “Infância”, da Escola Primária do Vale Escuro, 1955 – Lisboa, integrada no Agrupamento de Escolas Marquesa Alorna - Campolide. Refira-se que nesta escola existem, igualmente, dois painéis da autoria do Mestre Arnaldo Louro de Almeida e um painel da autoria do Mestre Querubim Lapa. Até ao momento da investigação, o painel de Lima de Freitas estava em fase de restauro e conservação, por parte da autarquia, não tendo sido possível ver o painel completo no seu local de implementação.

– Os quatro painéis de azulejos “Árvore I, II, III e IV”, de 1962, no Bairro dos Olivais Norte – Lisboa. Este trabalho de Lima de Freitas insere-se num projeto multidisciplinar, entre a arquitetura e as artes plásticas, o qual compõe um total de vinte e quatro intervenções, feitas por João Segurado, Fernando Conduto, Rogério Ribeiro, António Lino, Lima de Freitas e Maria Keil. Até ao momento da investigação era desconhecido o seu estado de conservação e a informação disponível era escassa e contraditória.

– Os três painéis de azulejos da Igreja da Sagrada Família em Albarraque, nomeadamente “Batismo”; “Árvore” e “Música”, pinturas de azulejos, de 1965. Trata-se de um projeto de arquitetura de autoria de Jorge Viana, com o contributo das escultoras Maria do Carmo d’Orey e Graça Costa Cabral. A informação sobre este trabalho de arquitetura surge mais organizada e desenvolvida, em 2012, com a homenagem feita ao referido arquiteto.

– Os quatro painéis de azulejos do Hospital São Francisco Xavier – Lisboa, intitulados “O Andrógino” ou “A Árvore da Vida”; “O Mensageiro” ou “O Guerreiro”; “O Feminino” e “A Fonte da Vida”, pinturas de azulejos, de 1973. Neste caso, desde o início, se conhecia a existência de uma imagem do cartão, a preto e branco, da obra “A Fonte da Vida”, na página 33, do livro “Mitologismos”, que permitiu o contacto com o referido Hospital e desenvolvidas as diligências de contacto presencial com as obras.

– As três pinturas de Lima de Freitas dos Palácios da Justiça: “Homenagem a João das Regras”, acrílico sobre madeira, de 1982, tríptico do Palácio da Justiça da Lourinhã; “Sol Justitiae”, acrílico sobre tela, de 1983, tríptico do Palácio da Justiça da Lousã e “O bom e o mau juiz”, acrílico sobre tela, de 1991, díptico do Palácio da Justiça de Montemor-o-Novo. Estes trabalhos estavam já documentados em imagens no livro “Lima de Freitas: 50 anos de Pintura” o que facilitou a sua localização e a identificação iconográfica.

– Os três painéis de azulejos da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a considerar “Descobrir”, pintura de azulejos, de 1989 (existindo também uma ligação ao painel de azulejos “Descobrir”, pintura de azulejos, de 1988, no Centro Europeu da Juventude em Estrasburgo); os painéis “O Homem em Harmonia com a Natureza” e “Energia”, estes sendo pinturas de azulejos, de 1989. Junto aos mesmos estão afixadas as memórias descritivas redigidas por Lima de Freitas. Esta informação completa e enriquece a hermenêutica simbólica que se pretendeu fazer para esta investigação.

– Por fim, e considerada uma obra síntese de Lima de Freitas, apresentam-se os catorze painéis de azulejos, de 1995-1996, patentes na Estação dos Caminhos de Ferro do Rossio – Lisboa: “S. Vicente em Lisboa”; “Santo António junto à Sé”; “O Santo Condestável”; “Santa Auta diante da Madre de Deus”; “Jerónimos: a mão de Cristo”; “A visão cósmica de Camões”; “A Lisboa imaginada de Francisco de Holanda”; “D. Sebastião: o Encoberto”; “Vieira e o V Império”; “Garrett: Drama, Lenda e Profecia”; “Herculano: a História e o Mito”; “Pessoa e ‘O caminho da serpente’”; “O Almada-neopitagórico” e “Vlysses”. Sobre estes painéis, Lima de Freitas deixou texto e imagens de qualidade no livro “Mitos e Figuras Lendárias



Pormenor do painel e azulejo “O Feminino”, 1973, Hospital São Francisco Xavier.

de Lisboa”, de 1997, permitindo compreender mais profundamente as intenções do autor.

Lima de Freitas deixa-nos, com o seu amplo contributo, logo depois de concluir esta obra mater, em 1998.

Este trabalho de investigação permitiu viajar pelas questões estéticas que preocupavam Lima de Freitas, tendo este uma compreensão particular que merece ser referida: “Pintar é, assim, tornar visível o ser. É não apenas ver o mundo, mas vermo-nos vendo o mundo: visão exponencial; consciência do mundo e consciência da consciência” (Freitas, 1965, p.30), da obra escrita “Pintura Incómoda”. Deixou uma presença no neorrealismo, passando por um surrealismo de cariz expressivista, caminhando por um realismo fantástico, nomeadamente desenvolvendo uma estética particular, intitulada “Mitolusismos” e, por fim, passando também pelas paisagens visionárias e pelas paisagens de rostos ou trabalhos de retrato e autorretrato. Em paralelo e acompanhando o seu trabalho plástico, de pintura e desenho, Lima de Freitas apresenta uma obra escrita relevante, nomeadamente sobre as questões míticas e simbólicas, sobre número e geometria sagrada, entre outras, sublinhando-se “O labirinto”, de 1975.

Partindo agora para a procura da resposta à hipótese levantada no início, foi possível desenvolver uma hermenêutica simbólica, à luz das “Estruturas Antropológicas do Imaginário”, uma mitocrítica de Gilbert Durand, à Obra Pública de Lima de Freitas, onde se desenhou um olhar sobre a Árvore; o Sol e a Mulher, como arquétipos e/ou símbolos definidores na sua Obra Pública, merecendo maior destaque para o imaginário vegetal, na representação da Árvore no sentido simbólico e arquetipal. A Árvore foi considerada a “imagem obsessiva” primordial na Obra Pública de Lima de Freitas, integrada no “schèmes” do amadurecer e do progredir num caminho ascendente e cíclico.

LÍGIA ROCHA – Nasceu no Porto, Portugal (1980).  
Investigadora integrada do CIEBA – Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa e Investigadora colaboradora do INED – Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto.  
Professora Adjunta Convidada da ESE-PP e do professora do Ensino Básico, Educação Visual e Educação Tecnológica (MEC).  
Licenciada em Professores do Ensino Básico – Educação Visual e Tecnológica, pela Escola Superior de Educação de Coimbra (2002).  
Mestre em Educação, especialidade em Filosofia do

Imaginário Educacional, Instituto de Educação da Universidade do Minho (2007).  
Doutora em Educação, especialidade em Filosofia da Educação, Instituto de Educação da Universidade do Minho (2015).  
Bolsista de Doutoramento pela FCT (2009-2013).  
Artista plástica (1995-2021), com exposições individuais e coletivas.  
É autora e coautora de vários textos sobre filosofia do imaginário; hermenêutica mítico-simbólica; estética educacional; a arte e o pensamento de Lima de Freitas, nomeadamente na sua obra pública.